

# A Igreja no mundo globalizado

## Uma visão ecumênica \*

*Hans Spitzack*

### Resumo

---

O autor parte da constatação de que o referencial da ação das igrejas está em transição, sendo necessário enfrentar a questão sobre como viver a fé frente à globalização. Propõe um resgate da contribuição do teólogo Helmut Gollwitzer, entre outros, para que as igrejas compreendam qual sua

missão na sociedade moderna, pluralista e secularizada. Além disso, sustenta a necessidade de que elas busquem alianças de solidariedade com organismos seculares que visem objetivos semelhantes aos das igrejas, e ofereçam uma proposta de espiritualidade de comunhão.

### Resumen

---

El autor parte de la constatación de que el referencial de la acción de las iglesias está en transición, siendo necesario enfrentar la cuestión sobre como vivir la fe frente a la globalización. Propone un rescate de contribuciones del teólogo Helmut Gollwitzer, entre otros, para que las iglesias

comprendan cual es su misión en la sociedad moderna, pluralista y secularizada. A demás de esto, sustenta la necesidad de que ellas busquen alianzas de solidaridad con organismos seculares que visen objetivos semejantes a los de la iglesia, y ofrezcan una propuesta de espiritualidad de comunión.

### Abstract

---

The author begins from the fact that the basis of the action of the churches is in transition. It is now necessary to face the issue of how to live out one's faith in relation to globalization. He proposes a review of the contribution of the theologian, Helmut Gollwitzer, among others, so that the churches come to understand

what is their mission in the modern, plural and secular society. Beyond this, he supports the necessity that the churches seek alliances of solidarity with secular organizations that have similar objectives to that of the churches, and offer a proposal of fellowship spirituality.

---

\* Palestra proferida na Escola Superior de Teologia em 20-03-2000.

A questão da Igreja é vital para o movimento ecumênico e para o mundo. A Igreja tem uma missão no mundo. O mundo globalizado necessita dela. Sem ela faltará ao mundo o testemunho do Deus libertador. Neste sentido eu gostaria de compartilhar algumas considerações com o auditório, ainda que minha capacidade de fazê-lo seja limitada. Vou basear-me principalmente em minhas experiências no Serviço de Desenvolvimento das Igrejas Evangélicas da Alemanha<sup>1</sup>.

Nas igrejas, no movimento ecumênico e nas organizações não-governamentais em geral certamente aprendemos que a globalização está mudando nosso referencial na esfera econômica, política, cultural e até religiosa, em tudo o que diz respeito ao desenvolvimento sustentável. Já há alguns anos – talvez mais intensamente desde a queda do muro de Berlim – sentimos e analisamos as mudanças no contexto da cooperação internacional, mas também no nível das comunidades e das igrejas locais e nacionais. Em poucas palavras: o referencial de nossa ação no mundo está em transição, quer o queiramos, quer não.

A Oitava Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) realizada em Harare, Zimbábue, em dezembro do ano retrasado trabalhou

a questão da globalização. A Assembléia Geral vem nos estimulando a assumir os desafios trazidos pela globalização. Diz o respectivo documento de Harare:

A globalização é uma realidade do mundo de hoje, um fato ineludível que repercute na vida de todas as pessoas e coloca problemas, não só econômicos, políticos, éticos e ecológicos.

A Assembléia a analisou sob o enfoque da fé. “Como viver a fé frente à globalização?”, pergunta o documento, e continua:

Os cristãos e as igrejas estão chamados a refletir sobre o desafio da globalização a partir da perspectiva da fé e, portanto, a opor-se à dominação unilateral da globalização econômica e cultural. E é imperioso buscar alternativas ao atual sistema econômico, assim como corrigir e colocar limites políticos efetivos ao processo de globalização e a suas conseqüências.

Neste sentido ele se refere positivamente ao *processus confessionis* da Aliança Reformada Mundial, iniciado por sua 23ª Assembléia em Debrecen, em 1997, e o CMI se compromete “a trabalhar com outros para criar instituições eficazes

<sup>1</sup> Veja Hans SPITZECK, Kirche in der einen Welt, *Der Überblick*, n. 4, 1999, e id., Die eine Welt gestalten, *epd-Entwicklungspolitik*, n. 2, p. 44-46, 2000.

de governo mundial”. Por isso conclui:

Especial prioridade deve ser dada à necessidade de melhorar a capacidade do CMI para responder ao desafio da globalização, a partir de um enfoque mais coerente e global, prestando particular atenção à necessidade de uma cooperação e coordenação maiores das atividades em torno de questões econômicas e ecológicas.

O CMI se manifesta numa declaração separada acerca da dívida externa e pede um jubileu que cancele a dívida dos países pobres.

A Assembléia Geral anima – aliás, recomenda –, ainda, uma “reflexão sobre os problemas econômicos a partir de uma perspectiva de fé”.

Cabe aqui fazer uma rápida referência à recente declaração da Associação de Pastores Evangélicos do Paraguai (APEP) que expressa profunda preocupação com as alarmantes condições socioeconômicas desse país<sup>2</sup>. Trata-se de um fato significativo em defesa da dignidade humana que se opõe à exclusão social de vastas camadas da sociedade paraguaia.

Para cumprir as recomendações da Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas recorreremos à ajuda de um teólogo alemão. Trata-se de

Helmut Gollwitzer, um aluno de Karl Barth, que vivenciou o *Kirchenkampf* (a chamada luta eclesial) na Alemanha de Hitler, defendendo a Igreja de Jesus Cristo frente à idolatria exigida pelo regime nazista. Mais tarde, no pós-guerra, participou do diálogo entre cristãos e marxistas e de várias conferências do CMI, por exemplo da Conferência Igreja e Sociedade de 1966 em Genebra e da Assembléia Geral de 1968 em Uppsala. Em 1973, duas semanas depois do golpe militar no Chile, analisou a conjuntura mundial a partir da fé bíblica, tentando entender os acontecimentos no Chile:

A história da humanidade entrou em seu estágio global. A pressão da catástrofe ecológica que já se encontra em seus inícios grava na consciência a interdependência de todos os povos e regiões da terra. Expressão disso são as organizações internacionais que abarcam o mundo inteiro; tanto sua existência quanto sua persistente debilidade são significativas. Essa debilidade mostra a falta de solidez dessa consciência até agora não superada, ou a limitação, em suma, da consciência frente aos fatores reais que se opõem. Se essa interdependência global, com suas possibilidades positivas e negativas, exi-

---

<sup>2</sup> Veja *Revista Parroquial*, v. 103, n. 3, p. 13, mar. 2000.

ge já por si (e mais ainda devido à ameaça da destruição total) a construção de uma consciência universal que atenda por igual a todos os fatores, então convém dar-se conta de todos esses fatores com toda a sua agudeza.<sup>3</sup>

Já em 1973 Gollwitzer descobre o caráter global da crise e vincula sua análise econômica e política com os desafios da ecologia. Ele capta a dinâmica oculta da globalização – palavra esta ainda não utilizada por Gollwitzer – denunciando seu caráter global e classista, incluindo já uma visão ecológica. Entende por ecologia tanto a questão ambiental quanto a explosão demográfica e a catástrofe da fome e denuncia o desperdício. A globalização é uma verdadeira “revolução capitalista” (Gollwitzer), um processo acelerado, incessante, uma revolução global que vira tudo e todos.

Seu livro nos oferece também uma leitura teológica desse processo. Gollwitzer opta por uma conversão (*metanoia*) radical: “Em resumo: a *metanoia* dos cristãos deverá ser radical, e isto significa, numa perspectiva sociopolítica: revolucionária.”<sup>4</sup>

Nessa perspectiva ele trabalha a dialética entre reforma e revolução,

evitando justaposições entre elas. Sua teologia aponta para a nova vida, que pode significar também um seguimento na dependência da vida de Jesus de Nazaré. Cabe destacar como Gollwitzer qualifica a exclusão social, um fato de importância cada vez maior no mundo globalizado.

O convite é universal, bem como a relação vital, ou seja, a comunidade com o próximo; ao passo que é característico da forma de morte o excluir, ou seja, o morrer da relação com outros seres humanos. Precisamente por causa dessa universalidade o discípulo entra numa solidariedade especial com todo tipo de marginalizados. (...) A nova forma de viver é *a priori* comunitária.<sup>5</sup>

Um quarto de século depois, tudo isso fica mais claro, mais óbvio, mais radical ainda. O termo “globalização” se refere à diversidade das relações e inter-relações entre estados e sociedades. Descreve o processo pelo qual acontecimentos, decisões e atividades numa parte do mundo têm resultados significativos para indivíduos e comunidades em outras partes distantes. A globalização consiste em dois fenômenos: extensão e intensidade (ou aprofundamento). Complexidade, interdependência,

<sup>3</sup> Helmut GOLLWITZER, *Die kapitalistische Revolution*, München : Kaiser, 1974, p. 17 [citação traduzida da versão em espanhol: *La revolución capitalista*, Salamanca : Sígueme, 1977, p. 19].

<sup>4</sup> Id., *ibid.*, p. 105.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 91s.

causas antropógenas, processualidade, dinâmica e mediação política são características da globalização. Causas são certamente também:

- A revolução eletrônica, que trouxe consigo um novo conceito de tempo, de simultaneidade global.
- A biogenética, que revoluciona a relação sujeito-objeto. A própria biologia, ou melhor, a vida torna-se objeto industrial.
- A influência de fatores não-econômicos ou extraeconômicos, cultura global, predominância de uma única estrutura de organização política.
- E, em consequência, a capacidade cada vez menor de deliberação política por parte dos estados nacionais.

Ante esse panorama temos de reinventar a ação ecumênica da Igreja, isto é, a missão da Igreja no mundo. Quero evitar falsas justaposições, mas gostaria de estimular um repensar da Igreja de Jesus Cristo no mundo globalizado. É necessário:

- Saber definir os objetivos da Igreja, comunidade, etc.
- Identificar e analisar relações de causa e efeito.
- Promover tendências positivas (possibilidades).
- Reprimir tendências negativas (perigos).

- Superar os impasses políticos (falta de definição, legislação e fiscalização política em todos os níveis: global – nacional – regional – local).

Com a ECO 92 e as demais conferências da ONU realizadas na década de noventa, temos um referencial favorável para o desenvolvimento justo, sustentável, sem exclusão e humano: a Agenda 21 mostra excelentemente os desafios e as possibilidades. Os cientistas políticos falamos de um paradigma de *Global Governance* (governo global ou, melhor, governabilidade global). É precisamente este esquema que contempla a sociedade civil como uma força sociopolítica fundamental e imprescindível para o desenvolvimento global, sem querer menosprezar a estrutura política. Cabe a ela – em todos os níveis – a tomada de decisão em processos democráticos colocando em vigor os direitos humanos: os direitos político-civis, os direitos econômico-sociais e culturais.

O panorama requer das igrejas uma compreensão de sua missão na sociedade moderna, pluralista e secularizada. Elas devem se considerar e definir como parte da sociedade civil, sem justaposição, sem temor e sem vergonha, com inserção, com afã e com força. Penso que ainda não superamos a velha justaposição de Igreja e mundo, do indivíduo e do comunitário (ou coletivo), de espiritual e social, de ordem eclesial e política. Temos que assumir

que vale a pena redescobrir os trabalhos feitos pelo ISAL, o grupo que deu início à teologia protestante latino-americana na década de sessenta. A sigla ISAL significa *Iglesia y Sociedad en América Latina*. Com a teologia e a herança de Dietrich Bonhoeffer, José Míguez Bonino, Emilio Castro, Julio de Santa Ana e outros delinearão seu aporte para a teologia da libertação e o movimento ecumênico.

Outro elemento são as alianças de solidariedade que as igrejas têm de assumir. Entendo por aliança de solidariedade alianças com setores seculares que tenham objetivos prioritários semelhantes ou iguais aos das igrejas. Para ser explícito, não se confunda este tipo de aliança com a aliança estratégica proposta por Fidel Castro em suas *Conversas com Frei Betto*. Fidel lançou a idéia de uma aliança dos socialistas com os cristãos, tendo por objetivo a libertação da América Latina. A implementação e o livre exercício dos direitos humanos, a defesa dos direitos humanos dos sem-teto, dos sem-terra, dos povos indígenas e da população negra desejam e necessitam de alianças não-ortodoxas com ONGs e outros setores da sociedade civil, política ou comercial e inclusive com outras religiões. A defesa do meio ambiente, a criação de renda e emprego, o desenvolvimento regional

ou local são outros exemplos. Em todo caso, a Igreja tem de definir suas prioridades em nível comunitário, distrital, regional, confessional, nacional e global, considerando a grande oferta da Bíblia na conquista de justiça, paz e integridade da criação.

Aqui vale destacar alguns aspectos da atividade teológica. Temos de assumir os limites da teologia moderna<sup>6</sup>, superá-los na prática social e pastoral da Igreja e, ao mesmo tempo, temos de trabalhar teologicamente dentro dos limites da teologia. Ela não é um mero jogo de palavras, mas – no melhor dos casos – uma abordagem crítica da práxis humana à luz da Palavra. Seus conceitos são específicos, baseando-se na Bíblia, e refletem a própria tradição confessional das igrejas. Em minha opinião, não basta substituir uma palavra por outra, por exemplo, *desenvolvimento* por *libertação*, o que o próprio Gustavo Gutiérrez nunca fez; venho, antes, trabalhando os conceitos-chave de meu contexto social, eclesial e teológico. Repensar o que foi pensado anteriormente em meu campo de trabalho, assim entendendo melhor como se formou historicamente uma situação. No caso desta palestra e com respeito à questão da globalização, por exemplo, o trabalho realizado por Gollwitzer.

Além disso, quero levar a sério o trabalho teológico dos grandes da

<sup>6</sup> Gustavo GUTIÉRREZ, Los límites de la teología moderna, in: *La fuerza histórica de los pobres*, Lima : CEP, 1979.

teologia: Lutero e os teólogos dos séculos XIX e XX, mais especificamente Karl Barth<sup>7</sup>. Isto pode ser chamado de *diálogo interno com a teologia*. Na situação intercultural, sempre me defini como um alemão em diálogo com a América Latina, explicando e interpretando uma realidade em meio à outra. Nesse diálogo ecumênico consegui muitas vezes lograr êxito referindo-me a conceitos bíblico-teológicos, mesmo quando se tratava de problemáticas aparentemente contemporâneas e/ou sociais:

serviço – *diaconia*,

comunidade e outras palavras da mesma raiz – *koinonia*,

justiça – *tzedaka/diakosyne*,

paz – *shalom/eirene*,

solidariedade – *hesed/charis/gratia*.

Estas são operações que tornam visível o processo de tradução, de decifrar o conteúdo de um conceito. Essas operações fazem entender as conotações das palavras tanto em sua dimensão histórica e intercultural quanto no que diz respeito ao diálogo entre teologia e ciências sociais. Nesta perspectiva, a teologia tem um papel fundamental no mundo globalizado. Ela é uma fonte de conhecimento, tem uma função crítica fren-

te às ideologias e contribui para o diálogo. Certamente nos abre para a dimensão espiritual e religiosa.

Para terminar, gostaria de acentuar a dimensão espiritual de nossa presença. Temos algo que o mundo secular não tem: a fé, a fé em Deus libertador, a fé de que Deus vencerá a morte como a venceu para nós em Jesus Cristo. Caminhando pelo mundo do desenvolvimento e falando com irmãs e irmãos que trabalham em entidades não-eclesiais, venho escutando mais e mais vezes que nós, a Igreja, temos espiritualidade e sabemos expressá-la. É nossa espiritualidade que aponta para a comunhão (*koinonia*). Ela nos alimenta e fomenta em nossa missão. Sabemos que é o próprio Deus que atua. Seu Reino está chegando a nós. Na Bíblia encontramos laços e vínculos que animam nossa fé. Basta celebrar a espiritualidade entre nós e na esfera pública. É nossa fé o que temos de compartilhar. Tenho consciência do que estou falando. Eu poderia relatar experiências, mas não o farei por falta de tempo. Na medida em que a globalização carcome a fé impondo seus ídolos, é tarefa e possibilidade única da Igreja servir a Deus no culto e na solidariedade socioeconômica. Tomando uma frase de Bonhoeffer, hoje é necessária a máxima concentração interna para o serviço voltado para fora<sup>8</sup>. Só se deve

<sup>7</sup> Pessoalmente, devo muito a meus professores Helmut Gollwitzer e Friedrich-Wilhelm Marquard na Alemanha; Elsa Tamez, Pablo Richard e outros na América Latina.

experimental e celebrar uma espiritualidade comprometida, ecumênica e bíblica, e encontrar formas adequadas e até novas.

Resumindo a exposição, gostaria de acentuar um elemento. A Igreja não vai substituir a política nem se confundir com um partido político. Ela não faz política, mas no melhor dos casos facilitará política. A Igre-

ja de Jesus Cristo é partidária, reclama os direitos dos excluídos e não se afastará dessa posição de solidariedade. Seu papel consiste em anunciar e servir, celebrar e consolar. Ela enfrenta estruturas desumanizantes e tem de denunciá-las. O núcleo do serviço da Igreja no mundo globalizado é libertação para a solidariedade (Gollwitzer<sup>9</sup>).

Hans Spitzack  
Mittelstr. 37  
53175 Bonn  
Alemanha

---

<sup>8</sup> Veja R. GÜTTER, *Innerste Konzentration für den Dienst nach draussen*, tese de doutorado, Universidade de Heidelberg, 1999.

<sup>9</sup> Helmut GOLLWITZER, *Befreiung zur Solidarität : Einführung in die evangelische Theologie*, München : Kaiser.